

mia couto

AS AREIAS DO IMPERADOR
uma trilogia moçambicana

LIVRO UM

Mulheres de Cinza

Obras do autor:

- Vozes Anoitecidas*, 1.^a edição, 1987; 12.^a edição, 2014
Grande Prémio da Ficção Narrativa 1990
- Cada Homem É Uma Raça*, 1.^a edição, 1990;
12.^a edição, 2014
- Cronicando*, 1.^a edição, 1991; 10.^a edição, 2013
Prémio Anual de Jornalismo Areosa Pena 1989
- Terra Sonâmbula*, 1.^a edição, 1992; 13.^a edição, 2015
Prémio Nacional de Ficção da Associação de Escritores
Moçambicanos (AEMO) 1995
Considerado por um júri especialmente criado para o efeito
pela Feira Internacional do Zimbábwe um dos doze melhores
livros africanos do século xx
- Estórias Abensonbadas*, 1.^a edição, 1994; 12.^a edição, 2015
- A Varanda do Frangipani*, 1.^a edição, 1996; 8.^a edição, 2006
- Contos do Nascer da Terra*, 1.^a edição, 1997; 9.^a edição, 2015
- Vinte e Zinco*, 1.^a edição, 1999; 4.^a edição, 2014
- Raiz de Orvalho e Outros Poemas*, 1.^a edição, 1999;
6.^a edição, 2015
- Mar Me Quer*, 1.^a edição, 2000; 17.^a edição, 2015
- O Último Voo do Flamingo*, 1.^a edição, 2000; 9.^a edição, 2015
Prémio Mário António de ficção
- Na Berma de Nenhuma Estrada e outros contos*, 1.^a edição,
2001; 8.^a edição, 2015
- O Gato e o Escuro*, 1.^a edição, 2001; 8.^a edição, 2014
- Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*,
1.^a edição, 2002; 6.^a edição, 2013
- O Fio das Missangas*, 1.^a edição, 2004; 7.^a edição, 2014
- A Chuva Pasmada*, 1.^a edição, 2004; 3.^a edição, 2015
- Pensatempos. Textos de opinião*, 1.^a edição, 2005;
3.^a edição, 2009
- O Outro Pé da Sereia*, 1.^a edição, 2006; 3.^a edição, 2013
- idades cidades divindades*, 1.^a edição, 2007; 2.^a edição, 2013
- O Beijo da Palavrinha*, 1.^a edição, 2008; 10.^a edição, 2015
- Venenos de Deus, Remédios do Diabo*, 1.^a edição, 2008;
8.^a edição, 2013
- Interinvenções*, 1.^a edição, 2009; 3.^a edição, 2013
- Jesusalém*, 1.^a edição, 2009; 10.^a edição, 2014
- Pensageiro Frequente*, 1.^a edição, 2010; 6.^a edição, 2015
- Tradutor de Chuvas*, 1.^a edição, 2011; 3.^a edição, 2015
- A Confissão da Leoa*, 1.^a edição, 2012; 9.^a edição, 2015
- O Menino no Sapatinho*, 1.^a edição, 2013; 2.^a edição, 2014
- Vagas e Lumes*, 1.^a edição, 2014; 2.^a edição, 2015
- As Areias do Imperador. Livro Um – Mulheres de Cinza*, 2015

mia couto

AS AREIAS DO IMPERADOR
uma trilogia moçambicana

LIVRO UM
Mulheres de Cinza

CAMINHO

Esta obra foi, em parte, redigida no quadro de uma bolsa concedida ao autor pela Civitella Ranieri Foundation.

Título: AS AREIAS DO IMPERADOR
Livro Um. Mulheres de Cinza

Autor: Mia Couto
© Editorial Caminho, 2015
Capa: Rui Garrido

Pré-impressão: Leya, SA
Impressão e acabamento: Multitipo
Tiragem: 30 000 exemplares
Data de impressão: outubro de 2015
Depósito legal n.º 398 123/15
ISBN: 978-972-21-2767-7

Editorial Caminho, SA
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.caminho.leya.com
www.leya.com

ÍNDICE

Nota introdutória	9
<i>Capítulo 1</i>	
Desenterradas estrelas	15
<i>Capítulo 2</i>	
Primeira carta do sargento	35
<i>Capítulo 3</i>	
A página do chão	45
<i>Capítulo 4</i>	
Segunda carta do sargento	63
<i>Capítulo 5</i>	
O sargento que escutava rios	73
<i>Capítulo 6</i>	
Terceira carta do sargento	89
<i>Capítulo 7</i>	
Nas asas de morcegos	99
<i>Capítulo 8</i>	
Quarta carta do sargento	115
<i>Capítulo 9</i>	
Recados dos mortos, silêncio dos vivos	125
<i>Capítulo 10</i>	
Quinta carta do sargento	143
<i>Capítulo 11</i>	
O pecado das mariposas	155
<i>Capítulo 12</i>	
Sexta carta do sargento	169
<i>Capítulo 13</i>	
Entre juras e promessas	177

<i>Capítulo 14</i>	
Sétima carta do sargento	193
<i>Capítulo 15</i>	
Um rei em pó	201
<i>Capítulo 16</i>	
Oitava carta do sargento	211
<i>Capítulo 17</i>	
Um relâmpago vindo da terra	223
<i>Capítulo 18</i>	
Nona carta do sargento	241
<i>Capítulo 19</i>	
Cavalos brancos, formigas negras	249
<i>Capítulo 20</i>	
Décima carta do sargento	269
<i>Capítulo 21</i>	
Um irmão feito de cinza	277
<i>Capítulo 22</i>	
Décima primeira carta do sargento	305
<i>Capítulo 23</i>	
Um morcego sem asas	317
<i>Capítulo 24</i>	
Décima segunda carta do sargento	331
<i>Capítulo 25</i>	
Terras, guerras, enterros e desterros	339
<i>Capítulo 26</i>	
Décima terceira carta do sargento	359
<i>Capítulo 27</i>	
O voo das mãos	371
<i>Capítulo 28</i>	
Última carta do sargento	389
<i>Capítulo 29</i>	
A estrada de água	397

NOTA INTRODUTÓRIA

Este é o primeiro livro de uma trilogia sobre os derradeiros dias do chamado Estado de Gaza, o segundo maior império em África dirigido por um africano. Ngungunyane (ou Gungunhane como ficou conhecido pelos portugueses) foi o último dos imperadores que governou toda a metade Sul do território de Moçambique. Derrotado em 1895 pelas forças portuguesas comandadas por Mouzinho de Albuquerque, o imperador Ngungunyane foi deportado para os Açores onde veio a morrer em 1906. Os seus restos mortais terão sido trasladados para Moçambique em 1985.

Existem, no entanto, versões que sugerem que não foram as ossadas do imperador que voltaram dentro da urna. Foram torrões de areia. Do grande adversário de Portugal restam areias recolhidas em solo português.

Esta narrativa é uma recreação ficcional inspirada em factos e personagens reais. Serviu de fonte de informação uma extensa documentação produzida em Moçambique e em Portugal e, mais importante ainda, diversas entrevistas efectuadas em Maputo e Inhambane. De todos os entrevistados, é justo destacar o nome de Afonso Silva Dambila, a quem devo expressar a minha profunda gratidão.

«Mas parece que por nossos pecados, ou por algum inescrutável julgamento de Deus, em todas as entradas desta grande Etiópia que navegemos, Ele colocou um anjo com uma espada flamejante de febres mortais, que nos impede de penetrar nas primaveras de seus jardins de onde procedem os rios de ouro que correm para o mar...»

JOÃO DE BARROS

LIVRO UM

MULHERES DE CINZA

A estrada é uma espada. A sua lâmina rasga o corpo da terra. Não tarda que a nossa nação seja um emaranhado de cicatrizes, um mapa feito de tantos golpes que nos orgulharemos mais das feridas que do intacto corpo que ainda conseguirmos salvar.

Capítulo 1

Desenterradas estrelas

*Diz a mãe: a vida faz-se como uma corda.
É preciso trançá-la até não distinguirmos os fios
dos dedos.*

Todas as manhãs se erguiam sete sóis sobre a planície de Inharrime. Nesses tempos, o firmamento era bem maior e nele cabiam todos os astros, os vivos e os que morreram. Nua como havia dormido, a nossa mãe saía de casa com uma peneira na mão. Ia escolher o melhor dos sóis. Com a peneira recolhia as restantes seis estrelas e trazia-as para a aldeia. Enterrava-as junto à termiteira, por trás da nossa casa. Aquele era o nosso cemitério de criaturas celestiais. Um dia, caso precisássemos, iríamos lá desenterrar estrelas. Por motivo desse património, nós não éramos pobres. Assim dizia a nossa mãe, Chikazi Makwakwa. Ou simplesmente a *mame*, na nossa língua materna.

Quem nos visitasse saberia a outra razão dessa crença. Era na termiteira que se enterravam as

placentas dos recém-nascidos. Sobre o morro de muchém crescera uma mafurreira. No seu tronco amarrávamos os panos brancos. Ali falávamos com os nossos defuntos.

A termiteira era, contudo, o contrário de um cemitério. Guardiã das chuvas, nela morava a nossa eternidade.

Certa vez, já a manhã peneirada, uma bota pisou o Sol, esse Sol que a mãe havia eleito. Era uma bota militar, igual à que os portugueses usavam. Desta vez, porém, quem a trazia calçada era um soldado nguni. O soldado vinha a mando do imperador Ngungunyane.

Os imperadores têm fome de terra e os seus soldados são bocas devorando nações. Aquela bota quebrou o Sol em mil estilhaços. E o dia ficou escuro. Os restantes dias também. Os sete sóis morriam debaixo das botas dos militares. A nossa terra estava a ser abocanhada. Sem estrelas para alimentar os nossos sonhos, nós aprendíamos a ser pobres. E nos perdíamos da eternidade. Sabendo que a eternidade é apenas o outro nome da Vida.



Chamo-me Imani. Este nome que me deram não é um nome. Na minha língua materna «*Imani*» quer dizer «*quem é?*». Bate-se a uma porta e, do outro lado, alguém indaga:

— *Imani?*

Pois foi essa indagação que me deram como identidade. Como se eu fosse uma sombra sem corpo, a eterna espera de uma resposta.

Diz-se em Nkokolani, a nossa terra, que o nome do recém-nascido vem de um sussurro que se escuta antes de nascer. Na barriga da mãe, não se tece apenas um outro corpo. Fabrica-se a alma, o *moya*. Ainda na penumbra do ventre, esse *moya* vai-se fazendo a partir das vozes dos que já morreram. Um desses antepassados pede ao novo ser que adote o seu nome. No meu caso, foi-me soprado o nome de Layeluane, a minha avó paterna.

Como manda a tradição, o nosso pai foi auscultar um adivinho. Queria saber se tínhamos traduzido a genuína vontade desse espírito. E aconteceu o que ele não esperava: o vidente não confirmou a legitimidade do batismo. Foi preciso consultar um segundo adivinho que, simpaticamente e contra o pagamento de uma libra esterlina, lhe garantiu que tudo estava em ordem. Contudo, como nos primeiros meses de vida eu chorasse sem parar, a família concluiu que me haviam dado o nome errado. Consultou-se a tia Rosi, a adivinha da família. Depois de lançar os ossículos mágicos, a nossa tia assegurou: «*No caso desta menina, não é o nome que está errado; a vida dela é que precisa ser acertada.*»

Desistiu o pai das suas incumbências. A mãe que tratasse de mim. E foi o que ela fez, ao batizar-me de «Cinza». Ninguém entendeu a razão daquele nome que, na verdade, durou pouco tempo. Depois de as minhas irmãs falecerem, levadas pelas grandes

enchentes, passei a ser chamada de «a Viva». Era assim que me referiam, como se o facto de ter sobrevivido fosse a única marca que me distinguiu. Os meus pais ordenavam aos meus irmãos que fossem ver onde estava a «Viva». Não era um nome. Era um modo de não dizer que as outras filhas estavam mortas.

O resto da história é ainda mais nebuloso. A certa altura o meu velho reconsiderou e, finalmente, se impôs. Eu teria por nome um nome nenhum: *Imani*. A ordem do mundo, por fim, se tinha restabelecido. Atribuir um nome é um ato de poder, a primeira e mais definitiva ocupação de um território alheio. Meu pai, que tanto reclamava contra o império dos outros, reassumiu o estatuto de um pequeno imperador.

Não sei por que me demoro tanto nestas explicações. Porque não nasci para ser pessoa. Sou uma raça, sou uma tribo, sou um sexo, sou tudo o que me impede de ser eu mesma. Sou negra, sou dos VaChopi, uma pequena tribo no litoral de Moçambique. A minha gente teve a ousadia de se opor à invasão dos VaNguni, esses guerreiros que vieram do sul e se instalaram como se fossem donos do universo. Diz-se em Nkokolani que o mundo é tão grande que nele não cabe dono nenhum.

A nossa terra, porém, era disputada por dois pretensos proprietários: os VaNguni e os portugueses. Era por isso que se odiavam tanto e estavam em guerra: por serem tão parecidos nas suas intenções. O exército dos VaNguni era bem mais numeroso e

poderoso. E mais fortes eram os seus espíritos, que mandavam nos dois lados da fronteira que rasgou a nossa terra ao meio. De um lado, o Império de Gaza, dominado pelo chefe dos VaNguni, o imperador Ngungunyane. Do outro lado, as Terras da Coroa, onde governava um monarca que nenhum africano haveria nunca de conhecer: Dom Carlos I, o rei de Portugal.

Os outros povos, nossos vizinhos, moldaram-se à língua e aos costumes dos invasores negros, esses que chegavam do sul. Nós, os VaChopi, somos dos poucos que habitam as Terras da Coroa e que se aliaram aos portugueses no conflito contra o Império de Gaza. Somos poucos, murados pelo orgulho e cercados pelos kokholos, essas muralhas de madeira que erguemos em redor das nossas aldeias. Por razão desses abrigos, o nosso lugar tornou-se tão pequeno que até as pedras tinham nome. Em Nkokolani bebíamos todos do mesmo poço, uma única gota de veneno bastaria para matar a aldeia inteira.



Vezes sem fim, despertámos com os gritos da nossa mãe. Dormia e gritava, rondando pela casa, em passos sonâmbulos. Nesses noturnos delírios comandava a família numa jornada sem fim, atravessava pântanos, riachos e quimeras. Regressava à nossa antiga aldeia, onde nascêramos junto ao mar.

Há, em Nkokolani, um provérbio que diz o seguinte: se quiseres conhecer um lugar fala com os

ausentes; se quiseses conhecer uma pessoa escuta-lhes os sonhos. Pois esse era o único sonho de nossa mãe: voltar ao lugar onde fôramos felizes e onde vivêramos em paz. Aquela saudade era infinita. Haverá, a propósito, saudade que não seja infinita?

O devaneio que a mim me ocupa é bem diverso. Não grito nem deambulo pela casa. Mas não há noite que não sonhe ser mãe. E hoje voltei a sonhar que estava grávida. A curva do meu ventre rivalizava com a redondez da Lua. Desta vez, porém, o que aconteceu foi o reverso de um parto: o meu filho é que me expulsava a mim. Talvez seja isso o que fazem os nascituros: livram-se das mães, rasgam-se desse indistinto e único corpo. Pois o meu sonhado filho, essa criatura sem rosto e sem nome, desembaraçava-se de mim, em violentos e doloridos espasmos. Acordei transpirada e com terríveis dores nas costas e nas pernas.

Depois entendi: não era um sonho. Era uma visita dos meus entes passados. Traziam um recado: alertavam-me que eu, com os meus quinze anos, já tardava em ser mãe. Todas as meninas da minha idade, em Nkokolani, já haviam engravidado. Apenas eu parecia condenada a um destino seco. Afinal, não era apenas uma mulher sem nome. Era um nome sem pessoa. Um desembrulho. Vazio como o meu ventre.



Na nossa família, sempre que nasce uma criança não se fecham as janelas. É o inverso do que faz o resto da aldeia: mesmo no pico do calor, as outras mães enrolam os bebês em panos espessos, emparedando-se no escuro do quarto. Em nossa casa, não: portas e janelas permanecem escancaradas até ao primeiro banho do recém-nascido. Essa desabrida exposição é, afinal, uma proteção: a nova criatura fica impregnada de luzes, ruídos e sombras. E é assim desde o nascer do Tempo: apenas a Vida nos defende do viver.

Naquela manhã de janeiro de 1895, as janelas que deixara abertas fizeram crer que uma criança acabara de nascer. Uma vez mais, sonhei que era mãe e um cheiro de recém-nascido impregnava toda a casa. Aos poucos, fui escutando o sincopado arrastar de uma vassoura. Não era apenas eu que despertava. Aquele doce rumor acordava a casa inteira. Era a nossa mãe que se ocupava da limpeza do pátio. Fui à porta e fiquei a vê-la, elegante e magra, num arqueado balanço como se dançasse e, assim, se fosse tornando poeira.

Os portugueses não entendem o nosso cuidado de varrer em redor das casas. Para eles, apenas faz sentido varriscar o interior dos edifícios. Não lhes passa pela cabeça vassourar a areia solta do quintal. Os europeus não compreendem: para nós, o fora ainda é dentro. A casa não é o edifício. É o lugar abençoado pelos mortos, esses habitantes que desconhecem portas e paredes. É por isso que varremos o quintal. O meu pai nunca esteve de acordo com esta explicação, a seu ver demasiado rebuscada.

— *Varremos a areia por uma outra razão, bem mais prática: nós queremos saber quem entrou e saiu durante a noite.*

Naquela manhã a única pegada era a de um *simba*, esses felinos que, na calada da noite, farejam as nossas capoeiras. A mãe foi conferir as galinhas. Nenhuma faltava. O insucesso do felino somava-se ao nosso fracasso: fosse visto o bicho, e seria prontamente caçado. A pele pintalgada das ginetas era cobiçada como sinal de prestígio. Não havia prenda melhor para agradar aos grande chefes. Sobretudo aos comandantes do exército inimigo, que se ornamentavam até perderem a forma humana. É para isso que servem as fardas: para afastar o soldado da sua humanidade.

A vassoura corrigiu, firme, a noturna ousadia. A memória do felino se apagou em segundos. Depois a mãe afastou-se pelos atalhos para recolher água no rio. Fiquei a vê-la desvanecendo-se na floresta, elegante e hirta nos seus panos garridos. Eu e a mãe éramos as únicas mulheres que não vestiam os *sivanyula*, os tecidos de cascas de árvore. As nossas vestes, compradas na cantina do português, cobriam o nosso corpo, mas expunham-nos à inveja das mulheres e à cobiça dos homens.

Quando chegou ao rio a mãe bateu as palmas, pedindo licença para se aproximar. Os rios são moradias de espíritos. Debruçada na margem, espreitou a berma para se precaver da emboscada de um crocodilo. Todos na aldeia acreditam que os grandes lagartos têm «donos» e obedecem apenas

ao seu mando. Chikazi Makwakwa recolheu a água, a boca do cântaro virada para a foz, para não contrariar a corrente. Quando se preparava para regressar a casa, um pescador ofereceu-lhe um belo peixe que ela embrulhou num pano que trazia atado à cintura.

Já perto de casa sucedeu o imprevisto. Do espesso mato irrompeu um grupo de soldados VaNguni. Chikazi recuou uns passos enquanto pensava: escapei dos crocodilos para entrar na boca de monstros ainda mais ferozes. Desde a guerra de 1889 que as tropas de Ngungunyane tinham deixado de rondar pelas nossas terras. Durante meia dúzia de anos saboreámos a Paz pensando que duraria para sempre. Mas a Paz é uma sombra em chão de miséria: basta o acontecer do Tempo para que desapareça.

Os soldados rodearam a nossa mãe e logo se aperceberam de que ela os entendia quando falavam em *shizulu*. Chikazi Makwakwa nascera em terras do sul. O seu idioma de infância era muito próximo da língua dos invasores. A mãe era uma *mabuingela*, esses que caminham à frente para limparem o orvalho do capim. Aquele era o nome que os invasores davam às gentes que usavam para abrir os caminhos na savana. Eu e os meus irmãos éramos produto dessa mistura de histórias e culturas.

Passados anos, os intrusos regressavam com a mesma ameaçadora arrogância. Reafirmando medos antigos, aqueles homens cercavam a minha mãe com a estranha embriaguez que os adolescentes sentem apenas pelo facto de serem muitos.

As costas tensas de Chikazi sustinham, com vigor e elegância, o carregamento da água sobre a cabeça. Assim exibia a sua dignidade contra a ameaça dos estranhos. Os soldados entenderam a afronta e sentiram, ainda mais viva, a urgência de a humilhar. De pronto derrubaram a bilha e festejaram, aos gritos, o modo como ela se quebrou de encontro ao chão. E riram-se, vendo a água encharcar o corpo magro daquela mulher. Depois, os militares não precisaram de esforço para lhe rasgar as vestes, há muito transparentes e coçadas.

— *Não me façam mal*, implorou. *Estou grávida.*

— *Grávida? Com toda essa idade?*

Espreitaram a pequena proeminência sob os panos, onde ela secretamente guardava o ofertado peixe. E, de novo, a dúvida lhe foi cuspidada no rosto:

— *Grávida? Você? De quantos meses?*

— *Estou grávida de 20 anos.*

Foi o que lhe apeteceu dizer: que os filhos nunca tinham saído de dentro de si. Que ela guardava no ventre todos os cinco filhos. Mas conteve-se. O que fez foi esgueirar as mãos por entre os panos em busca do embrulhado peixe. Os soldados ficaram olhando o modo como ela, por baixo da capulana, percorria os lugares secretos do seu corpo. Sem que ninguém desse conta, com a mão esquerda segurou a proeminente espinha dorsal do peixe e usou-a para rasgar o pulso da mão direita. Deixou que o sangue escorresse e, depois, entreabriu as pernas, como se estivesse parindo. Foi retirando o peixe debaixo dos panos como se estivesse emergindo das

suas entranhas. Depois, ergueu o peixe nos braços cobertos de sangue e proclamou:

— *Eis o meu filho! Já nasceu o meu menino!*

Os soldados VaNguni recuaram, apavorados. Aquela não era uma simples mulher. Era uma *noyi*, uma feiticeira. E não havia descendência mais sinistra que ela pudesse ter gerado. Um peixe era, para os ocupantes, um animal tabu. Ao interdito bicho se juntava, num único instante, a mais grave das impurezas: sangue de mulher, essa sujidade que polui o Universo. Esse óleo espesso e escuro escorreu-lhe pelas pernas até obscurecer a terra toda em volta.

O relato deste episódio perturbou as hostes dos inimigos. Diz-se que muitos soldados desertaram, receosos do poder da feiticeira que paria peixes.



E foi de vestes e de alma rasgadas que minha mãe, Chikazi Makwakwa, se apresentou em casa por volta do meio-dia. À porta relatou o sucedido, sem pranto nem emoção. O sangue pingava-lhe do pulso como se o relato fosse soletrado gota a gota. Eu e o meu pai escutávamo-la sem sabermos como reagir. No final, enquanto lavava as mãos, a mãe murmurou, com irreconhecível voz:

— *É preciso fazer qualquer coisa.*

O meu pai, Katini Nsambe, franziu o sobrolho e argumentou: ficar quieto e calado seria o melhor modo de responder. Éramos uma nação ocupada e

convinha passarmos despercebidos. Nós, os Va-Chopi, tínhamos perdido a terra que era nossa e dos nossos antepassados. Não tardaria que os invasores estivessem pisando o cemitério onde sepultávamos placentas e estrelas.

A mãe reagiu com firmeza: *Quem vive no escuro é a toupeira*. O meu pai sacudiu a cabeça e ripostou em surdina:

— *Eu gosto do escuro. No escuro não se notam os defeitos do mundo. Uma toupeira, foi o que sempre sonhei ser. Do como está o mundo, só podemos dar graças a Deus por sermos cegos.*

Agastada, a mãe suspirou ruidosamente enquanto se debruçava sobre a fogueira, para remexer a *ushua*. Molhou a ponta do dedo para fazer de conta que experimentava o calor da panela.

— *Um dia serei como a toupeira. Terei o chão todo por cima*, ciciou o pai, com antecipada pena do anunciado destino.

— *Isso, todos teremos*, disse a mãe.

— *Não tarda estou a partir para as minas. Vou fazer como o meu pai, vou sair daqui e fazer vida na África do Sul. É isso que vou fazer.*

Não era um prenúncio. Era uma ameaça. Retirou do bolso uma pitada de tabaco e uma mortalha velha. Com cuidados de cirurgião começou lentamente a enrolar um cigarro. Nenhum negro em toda a aldeia se podia gabar de fabricar assim o seu próprio fumo. Apenas ele. Com pose de rei aproximou-se da fogueira e retirou uma brasa para acender o cigarro. Depois, muito hirto e de queixo

erguido, soprou a fumaça sobre o rosto da indiférente esposa.

— *Você, minha querida Chikazi, insulta as toupeiras sabendo que isso ofende o meu falecido pai.*

Minha mãe cantarolou uma velha canção, um *ngodo* tradicional. Era um lamento de mulher, queixando-se de já ter nascido viúva. Despeitado, meu pai retirou-se ruidosamente.

— *Vou-me embora daqui*, declarou.

Queria mostrar que estava ferido, a mulher não era a única que sangrava. Separou-se da sua própria sombra e arredou-se para junto da grande termiteira onde, pela ausência, acreditava tornar-se mais visível.

Depois, ainda o vimos dar uma volta em redor da casa, para, enfim, se afastar em direção ao vale. A pequena incandescência do seu cigarro foi-se escoando no escuro, como se fosse o último dos pirilampos deste mundo.



Ficámos sentadas, eu e a mãe, num tricotar de silêncios de que apenas as mulheres são capazes. Os seus dedos magros esgravatavam na areia como se confirmassem intimidade com o chão. A voz dela tinha um sotaque de terra quando perguntou:

— *Trouxe vinho, lá do português?*

— *Ainda sobraram umas garrafas. Está com medo que o pai lhe bata?*

— *Já sabe como é: ele bebe, ele bate.*

Mistério sem entendimento: o modo como o pai conciliava em si tão opostas almas. Sóbrio, a sua delicadeza era a de um anjo. No toldar do álcool, convertia-se na mais maléfica das criaturas.

— *É incrível como o pai nunca desconfiou que a mãe mente.*

— *E eu minto?*

— *Claro que mente. Quando ele lhe bate e a mãe chora de dor. Não mente?*

— *Esta doença é um segredo, o seu pai não pode suspeitar. Quando me bate pensa que as minhas lágrimas são verdadeiras.*

A enfermidade era congénita: Chikazi Makwakwa não sentia dor. Mãos e braços, marcados por sucessivas queimaduras, faziam o marido estranhar. Acreditava, no entanto, que aquela insensibilidade resultasse de amuletos encomendados à cunhada Rosi. Apenas eu sabia que era uma deficiência de nascença.

— *E a outra dor, mãe?*

— *Que outra?*

— *A dor da alma.*

Ela riu-se, encolhendo os ombros. Que alma? Que alma lhe restava depois de lhe morrerem duas filhas e os dois filhos terem saído de casa?

— *A sua mãe também era espancada?*

— *A avó, a bisavó e a trisavó. É assim desde que a mulher é mulher. Prepare-se para ser espancada também você.*

Uma filha não contesta as certezas dos mais velhos. Imitei o seu gesto e na concha da mão suspendi um punhado de areia que, depois, deixei desabar em cascata. Aquela areia vermelha era, no costume da nossa gente, alimento das grávidas. Escorria-me por entre os dedos o desperdício da minha existência. Chikazi Makwakwa interrompeu-me os pensamentos:

— *Sabe como morreu a sua avó? E não esperou pela resposta. Fulminada por um relâmpago. Foi assim que ela morreu.*

— *E por que se lembrou disso agora?*

— *Porque é assim que também quero morrer.*

Era o seu pretendido desfecho: sem corpo, sem peso, sem réstia para sepultar. Como se uma morte não sofrida apagasse o sofrimento todo de uma vida.



Sempre que desabava uma tempestade, a nossa mãe saía a correr pelos campos e ali permanecia, braços erguidos, a imitar uma árvore seca. Esperava a descarga fatal. Cinzas, poeiras e fuligem: era o que ela sonhava vir a ser. Era esse o desejado destino: tornar-se indistinta poalha, leve, tão leve que o vento a faria viajar pelo mundo. Nesse desejo da avó ganhava razão o meu anterior nome. Foi o que a mãe me quis lembrar.

— *Gosto de Cinza, disse eu. Faz-me lembrar anjos, não sei porquê.*

— *Dei-lhe esse nome para a proteger. Quando se é cinza nada nos pode doer.*

Os homens bem me poderiam espancar. Ninguém haveria nunca de me magoar. Era essa a intenção daquele batismo.

As mãos dela ciscavam o chão: quatro rios de areia tombavam por entre os dedos. Permaneci calada, soterrada pela poeira que brotava das suas mãos.

— *Agora, vá buscar o seu pai. Ele sente ciúmes de nós.*

— *Ciúmes?*

— *De mim, por não lhe dar toda a atenção; de si, porque foi educada pelos padres. Você pertence a um mundo onde ele nunca poderá entrar.*

São assim os homens, explicou: têm medo das mulheres quando elas falam e mais medo ainda quando ficam caladas. Eu que entendesse: o meu pai era um homem bom. Ele apenas tinha medo de não ser do tamanho dos outros homens.

— *O seu pai saiu daqui zangado. Aprenda uma coisa, minha filha. O pior que uma mulher pode dizer a um homem é que ele deve fazer alguma coisa.*

— *Vou lá buscar o pai.*

— *Não se esqueça do vinho.*

— *Não se preocupe, mãe. Já escondi as garrafas.*

— *É o contrário, filha. Leve uma garrafa, para ele beber!*

— *Não tem medo que ele, depois, lhe bata?*

— *Esse velho teimoso não pode é dormir no mato. Traga-o de volta, sóbrio ou bêbado. O resto se verá.*

Depois a mãe reentrou na tristeza, como um bicho doméstico que regressa ao curral. Já ia no caminho e voltou a falar:

— *Peça-lhe para irmos viver para Makomani, peça-lhe que voltemos para junto do mar. A si ele escuta. Peça-lhe, Imani, por amor de Deus!*